

# Capítulo 1

# Deus

## ALGUNS PRESSUPOSTOS BÁSICOS

O NT não faz tentativas de provar a existência de Deus. As provas teístas pertencem ao período posterior da apologética e da teologia sistemática. A teologia do NT começa com alguns pressupostos espantosos – Deus existe, criou o homem e continua a ter interesse no homem. Aliás, toda a estrutura do pensamento cristão primitivo parte dos mesmos pressupostos. O NT não faz sentido se tudo, exceto esses pressupostos, for verdadeiro. Isso nos dá somente duas opções – aceitar esses pressupostos pela fé ou rejeitá-los e, conseqüentemente, rejeitar toda a revelação feita com base neles. Seja qual for o valor de tentar estabelecer filosoficamente a existência de Deus, o NT não oferece indicações para isso. Pode-se pensar que isso limita seriamente a validade de uma abordagem da teologia a partir do ensino do NT, mas isso pode ser obstado pelo fato de que a teologia cristã só pode ser compreendida, em última instância, por aqueles que exercem a fé. Talvez seja salutar lembrar que nem o NT nem a teologia do NT são dominados por uma abordagem puramente intelectual. Ao mesmo tempo, deve-se afirmar que os pressupostos com os quais o NT começa são totalmente válidos. A existência de Deus e seu interesse em sua criação fornecem uma explicação razoável para a própria existência humana.

Todos os escritores do NT compartilham da concepção de Deus vista no AT. A história da criação se concentra sobre a iniciativa criadora de Deus, e essa percepção de Deus como o originador do mundo criado é básica para o pensamento do AT. Além disso, presume-se que o Criador seja também o sustentador de sua criação. Os céus e a terra são obras de suas mãos e ele é visto como aquele que possui poder supremo dentro da ordem natural. No período intertestamentário, os judeus criam firmemente no mesmo relacionamento criador básico entre Deus e seu mundo, acrescentando a isso a convicção de que foi por meio da Torá (Lei) que Deus efetuou a criação, uma

concepção que chega perto de personificar a Torá.<sup>1</sup> Isso foi necessário por causa da concepção transcendental predominante acerca de Deus durante o período intertestamentário.<sup>2</sup> O Exaltado foi removido para tão longe de sua própria criação que precisou de algum intermediário para manter contato com o mundo. Nada há acerca desse afastamento na abordagem do NT.<sup>3</sup> A concepção neotestamentária de Deus está ligada à revelação do AT, não às correntes especulações judaicas.

Contudo, a transcendência de Deus encontra apoio na majestade e, particularmente, na santidade de Deus, que é tão característica dos escritos do AT, especialmente dos profetas. A afirmação de Isaías 57.15 ilustra a diferença essencial entre a concepção do AT e grande parte da teologia transcendental judaica: "... assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos". Essa combinação de superioridade e ternura é um elemento essencial do AT e faz que a concepção de Deus traçada no NT seja inteligível. Essa elevada concepção moral fazia forte contraste com as variadas e geralmente imorais divindades da época, cultuadas por povos não-judaicos na época em que o NT veio à luz. É impossível apreciar a revelação do NT sem preservar sua estreita relação com a visão veterotestamentária de Deus. Aqueles movimentos que criaram um abismo entre o AT e o NT, dentre os quais o marcionismo foi o primeiro,<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Deve-se observar que a Torá foi somente um dos intermediários imaginados para vincular o Deus transcendente com o mundo dos homens (cf. Sabedoria, Memra). A atribuição de uma participação na criação foi um desenvolvimento natural. Cf. W. O. E. Oesterley, *The Jews and Judaism during the Greek Period* (1941), p.103s., para uma discussão da transcendência durante o período intertestamentário. Cf., de um ponto de vista judaico, o artigo de E. G. Hirsch, "God", em *Jewish Encyclopaedia*, 6, p.2ss. Para uma avaliação judaico-cristã da Torá, cf. P. Borchsenius, *Two Ways to God* (1968), pp.47-57, especialmente pp.54,55. Diz-se que o próprio Deus consultou a Torá antes de criar o mundo, cf. J. Neusner, *First Century Judaism in Crisis* (1932), p.98.

<sup>2</sup> Nem todos os eruditos judeus admitiriam que o transcendentalismo foi a tendência exclusiva do período intertestamentário. J. Abelson, *The Immanence of God* (1912), esforça-se para mostrar que sinais de uma mudança do transcendentalismo para a imanência já estavam presentes. Ele admite que havia ambos os elementos na Bíblia Hebraica, embora pense que a concepção transcendente seja superior.

<sup>3</sup> E. P. Sanders, *Paul and Palestinian Judaism* (1977), p.44, critica Bultmann por afirmar que o distanciamento de Deus era a posição judaica. Cf. a discussão de Bultmann acerca de "God, the Remote and the Near", em *Jesus and the Word* (trad. 1956), p.59ss. Sanders é enfático quando diz que os rabinos não pensavam que Deus fosse inacessível (*op. cit.*, p.215). Ele cita P. Kuhn, A. M. Goldberg e E. E. Urbach como recentes escritores judeus acerca da teologia rabínica que sustentam essa posição. O que é mais importante para nosso propósito é que tanto no AT quanto no Judaísmo do século 1º havia uma noção da glória de Deus que teria sido compartilhada pelos cristãos primitivos.

<sup>4</sup> O marcionismo foi baseado na ideia de que havia dois deuses, dos quais o Criador revelado no AT foi rejeitado por ser alegadamente incompatível com o Deus do NT. Contudo, Marcion não negava que havia um elemento de justiça na concepção veterotestamentária de Deus. Cf. a discussão de E. C. Blackman em *Marcion and his Influence* (1948), p.113ss., na qual ele critica a posição de Harnack, segundo a qual para Marcion somente o Deus supremo era bom, enquanto o Deus do AT era inferior, cf. A. von Harnack, *Marcion: Das Evangelium von fremden Gott* (reimpressão de 1960), p.109. Ele considera isso um exagero. Sem dúvida, porém, a exegese que Marcion fazia do NT era viciada por sua falta de apreciação da relação entre o NT e a revelação de Deus no AT.

começam sua abordagem ao pensamento do NT com a desvantagem séria de não possuírem a chave para a concepção básica de Deus no NT. Ela não surge *ex nihilo*, ela foi o resultado de um longo período de revelação do qual o NT foi a consumação.

Relacionada à elevada concepção veterotestamentária da santidade de Deus estava a concepção complementar de seu amor pactual.<sup>5</sup> É importante reconhecer, ao abordarmos o NT, que a concepção veterotestamentária do amor de Deus é de amor justo, um amor que nunca é visto como sentimental. Ele é muito mais um amor que exige do que um amor que dá. Os atos amorosos de Deus em favor de Israel mostravam o que ele queria – um povo preparado para responder às condições da aliança. Mas eles também mostravam sua longanimidade e paciência quando Israel falhava. Essa concepção de Deus novamente diferia fortemente dos conceitos do paganismo da época, no qual era comum considerar a divindade como um objeto de temor e, conseqüentemente, como algo a ser aplacado. A concepção neotestamentária de que Deus é amor é uma extensão dessa concepção veterotestamentária e é profundamente baseada nela. Em nenhum lugar do NT há qualquer discussão acerca do motivo pelo qual Deus ama. Isso é assumido sem questionamento.

Não há dúvida de que a concepção veterotestamentária de Deus também inclui a noção de julgamento.<sup>6</sup> Esse é, de fato, um aspecto de sua justiça. Uma ênfase errada acerca disso tem conduzido ao entendimento de que existe uma forte diferença entre os conceitos do AT e do NT. Há passagens no AT em que Deus manda matar todas as pessoas, e essas passagens são vistas como estranhas ao Deus de amor revelado no NT. Isso chama a atenção para o fato de que o conceito de revelação progressiva é indispensável para que o AT forme a base verdadeira para uma abordagem à doutrina de Deus revelada no NT. As passagens imprecatórias do AT revelam a justiça de Deus na noção de tempo, mas, embora a justiça de Deus não esteja ausente do NT, a misericórdia de

---

<sup>5</sup> N. Snaith, *The Distinctive Ideas of the Old Testament* (1944), p.94ss., expõe claramente a conexão pactual no conceito veterotestamentário de *hesed*, que ele descreve como amor pactual. Não somente nos tempos do AT, mas também no judaísmo rabínico, a aliança é central para a compreensão não somente da religião, mas, mais particularmente, da concepção de Deus. Ela é governada pelo relacionamento pessoal de Deus com os homens, não por especulações metafísicas acerca dele. Para ver a importância da aliança no judaísmo rabínico, cf. Sanders, *op. cit.*, p.240ss. T. C. Vriezen, *An Outline of Old Testament Theology* (trad. 1970), p.316, admite haver grande tensão entre o amor de Deus e seu ser santo, mas nega que, no AT, Deus seja um governador arbitrário. E. Jacob, *Theology of the Old Testament*, (trad. 1955), p.110, corretamente considera o amor de Deus no AT como a manifestação de sua soberania. Ele admite que o amor tem um tom no AT diferente do tom que tem no NT porque, no AT, ele era dirigido de modo geral ao povo como nação (p.112).

<sup>6</sup> J. L. McKenzie, *A Theology of the Old Testament* (1974), p.153, sugere que o mais antigo uso da palavra “julgamento” é, provavelmente, sinônimo da palavra “salvação”. Veja também L. Koehler, *Old Testament Theology* (trad. 1957), p.218s. Um uso forense do termo está certamente implicado em partes do AT. A Palavra do Senhor se torna um critério de julgamento, por exemplo, na profecia de Jeremias (cf. J. G. S. S. Thompson, *The Old Testament View of Revelation* (1960), p.72ss.). A justiça de Deus arde nas palavras de Deus. No Judaísmo, o fator controlador na religião era a vontade de Deus, e isso, naturalmente, levantava a questão da justiça quando essa vontade era desobedecida. A soberania de Deus é uma parte essencial da concepção veterotestamentária da santidade de Deus (cf. T. C. Vriezen, *op. cit.*, p.297ss.).

Deus recebe um foco mais claro na revelação em Cristo. Ao considerar a concepção de Deus no NT, é necessário examinar tanto os aspectos que fazem um paralelo com o AT quanto os aspectos que são mais nítidos no NT.

## DEUS COMO CRIADOR, PAI E REI

A doutrina de Deus é tão básica para todas as partes do NT que grande parte da evidência consiste de pressupostos, e não de afirmações específicas. Contudo, há muitas afirmações que são altamente significativas. Nós discutiremos os seguintes aspectos: Deus como Criador, a providência de Deus, Deus como Pai, Deus como Rei e Juiz, vários outros títulos de Deus e uma forma resumida dos atributos dele.

### Deus como Criador

Não há dúvida de que os cristãos admitem, sem discussão, que Deus é o originador do universo.<sup>7</sup> Eles recebem esse pressuposto do AT e também do ensino de Jesus. Nos evangelhos sinóticos, a afirmação mais explícita de Jesus acerca deste assunto é encontrada em Marcos 13.19: "... aqueles dias serão de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo, que Deus criou, até agora e nunca jamais haverá". Jesus também cita com plena aceitação a afirmação veterotestamentária de que Deus criou homem e mulher (Mc 10.6; Mt 19.4). Nenhuma outra sugestão a respeito da origem da criação é sequer sugerida nos escritos dos Evangelhos.

Em seu discurso aos atenienses, Paulo audaciosamente anunciou o tipo de Deus que ele adorava como "o Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra" (At 17.24). Seu poder criador também é visto na afirmação de que os homens são "geração de Deus" (At 17.29). Em seu discurso em Listra, Paulo faz uma afirmação semelhante acerca do poder criador de Deus (At 14.15).

Nas epístolas de Paulo, a relação entre Criador e criaturas é admitida em Romanos 1.25. Além disso, é dito que a criação reflete a obra do Criador (Rm 1.20). Aliás, a criação mostra algo do caráter de Deus (seu poder eterno e sua divindade). As criaturas só podem revelar algo do caráter de Deus porque são obra direta de suas mãos. Há afirmações específicas de que todas as coisas foram feitas por Deus (Rm 11.36; 1Co 8.6; 11.12; Ef 3.9). Paulo critica aqueles que proibem aquilo que Deus criou para o bem do homem (1Tm 4.3). O mesmo tema da criação é encontrado em Apocalipse 4.11, em que a adoração a Deus é centralizada em sua obra criadora: "Todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas" (cf. também Ap 10.6).

---

<sup>7</sup> G. Wingren, *Creation and Law* (1961), p.3ss., afirma que a criação, como nos credos, deve ser o ponto de partida para a abordagem da teologia bíblica. Ele critica aqueles que, como Cullmann, começam com a cristologia. Seu argumento é que a criação focaliza atenção sobre Deus, e evita uma abordagem antropológica à teologia. Qualquer sistema que esteja baseado exclusivamente no NT corre o perigo de adotar essa abordagem.

O NT reflete a mesma convicção mostrada no AT, de que a criação não é co-eterna com o Criador. Em várias passagens, a frase “antes da criação do mundo” é usada por Deus. Em João, Jesus fala da glória que ele desfrutava com o Pai antes que o mundo fosse feito (Jo 17.5,24). Paulo fala na mesma direção quando menciona a escolha de Deus (Ef 1.4). Um conceito semelhante a respeito do papel do Cristo predestinado aparece em 1Pedro 1.20. Não há dúvida de que esses três escritores afirmam que o Criador já existia antes da existência material de sua criação.

Os escritores do NT não discutem o método da criação. Na epístola aos Hebreus, declara-se que “o universo foi formado pela palavra de Deus” (Hb 11.3), uma alusão às ordens soberanas de Deus na criação (*cf.* Gn 1.3). Mais importante que o método é o agente. Embora, em Gênesis, seja mencionada a ação do Espírito, no NT, em muitas ocasiões, a criação é mencionada como tendo sido efetuada por Cristo.<sup>8</sup> Isso tem grande importância para nossa discussão posterior a respeito da pessoa de Cristo. Contudo, para nosso propósito presente, isso serve para colocar a concepção neotestamentária da criação em um contexto um pouco diferente do contexto veterotestamentário. A ênfase sobre a atividade criadora de Cristo não diminui a atividade criadora de Deus. Aliás, o ato criador é visto como uma unidade. No prólogo do Evangelho de João, a questão é apresentada claramente. O Verbo, que estava com Deus e era Deus, foi o agente da criação – “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). O mesmo tema surge em Colossenses 1.16: “... nele [*i. e.*, em Cristo], foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis... Tudo foi criado por meio dele e para ele”. Do mesmo modo, o escritor aos Hebreus declara, em referência ao Filho: “... a quem [Deus] constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (Hb 1.2). Além disso, nessa mesma passagem, afirma-se que o Filho sustenta todas as coisas (*ta panta*) pela palavra de seu poder (Hb 1.3).

Essas passagens ensinam claramente não somente que Deus criou por meio de Cristo (*dia*), mas também para (*eis*) Cristo, o que dá alguma indicação do propósito divino para a ordem criada. A sabedoria infinita do Criador é vista no fato dele ter feito a criação cristocêntrica, e não antropocêntrica. O NT não sustenta a ideia de que o mundo pertence ao homem, exceto no sentido idealista cumprido em Cristo (Hb 2.8). A própria criação está presa na condição humana, como Paulo claramente reconheceu ao falar sobre a criação que geme e suporta angústias enquanto aguarda por sua libertação (Rm 8.19ss.). A preocupação moderna com o mau uso da criação feito pelo homem colocou a questão em foco e tem mostrado a extraordinária relevância do conceito de Paulo. Todo o problema ecológico de devastação de recursos naturais e poluição daquilo que resta conflita diretamente com a afirmação neotestamentária de

---

<sup>8</sup> G. Wingren, *ibid.*, p.31ss., discute o sentido da criação em Cristo. Ele considera que a real compreensão é alcançada quando se pergunta “se o homem é *destinado a Cristo* a partir de sua própria existência inescapável e de sua posição como homem criado” (p.33).